

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

A VIOLÊNCIA LEGITIMADA: A INTRODUÇÃO DA PSICANÁLISE AO BRASIL

Jonatas Tiburtino

1. A psicanálise como violência estratégica

Apesar da abolição da escravatura em 1888 ocorrer com efeito jurídico, mas sem reparação estatal, as pessoas escravizadas foram desalojadas e ficaram desprovidas de renda própria para finalmente morrerem aos poucos. Elas passaram a povoar as ruas e a encarnar o retrato de tudo o que se queria eliminar junto com o antigo regime da monarquia. O regime que se seguiu foi iniciado mediante o golpe militar liderado pelo Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, obtendo êxito em 15 de novembro de 1889 com a destituição do imperador D. Pedro II, que recebeu ordens de buscar exílio na Europa. Instaurou-se um governo republicano provisório que se tornaria a primeira república brasileira. A força desse novo momento histórico refletiu os imperativos para modernização do país e contribuiu para que passasse de uma contingência caótica e ocasional para ser um projeto com contornos étnicos bem definidos, que contou com a contribuição da Psicanálise.

1.1 A estratégia sanitária

Um dos aspectos desse projeto foi a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) por Julio Pires Porto-Carrero em 1923 como efeito institucional de sentimentos nacionalistas para planejar e gerenciar um programa de higiene mental que promovesse melhorias para a saúde mental coletiva e aprimorasse a assistência aos doentes mentais através da renovação das instituições psiquiátricas. Promoção que, em 1926, foi expandida para contemplar a prevenção dessas doenças. Nesse momento, era recorrente a caracterização da imigração como fator para elevação do quadro dos ditos delinquentes e alienados no país. Eles eram considerados a causa das desordens psíquicas e vícios do povo (Mokrejs, 1989).

Como o entendimento sobre a etiologia das doenças mentais, dos comportamentos considerados desviantes e perversos, tinha acentuada conotação sexual, a LBHM se tornou um artifício da república em favor da qual a Psiquiatria foi convocada como disciplina de controle social. Neste cruzamento de fatores, a Psiquiatria passou a olhar com entusiasmo

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

para a teoria sobre a sexualidade e o tratamento oferecidos pela Psicanálise. As teses freudianas eram divulgadas como instrumento diagnóstico, terapêutico e moral “passando a encaixar-se no trinômio do orgânico, da moral e da vida moderna” (Facchinetti, 2001, p. 88).

1.2 A estratégia disciplinar

Neste momento histórico, persistia o entendimento de que “quando esta se não segue a um processo toxi-infeccioso ou a um distúrbio endócrino e vem em consequência de um pensamento obsessivo, torturante, é, na quase unanimidade dos casos, a questão sexual que predomina” (Roxo, 1934, p. 31).

Por isso, o projeto do Brasil no novo regime político passava por criar uma paisagem na qual todos os signos do atraso e do constrangimento não tivessem lugar. Para isso, um dos pensamentos mais presentes em significativa parte da intelectualidade da época se baseava na teoria da degenerescência. O psiquiatra franco-austríaco Bénédict Augustin Morel (1809-1873) sistematizou em seu Tratado das Degenerescências, em 1857, que taras, vícios, traços de caráter poderiam ser transmitidos entre as gerações. Essa teoria serviu bem aos propósitos das ações higienistas da LBHM de impedir a propagação de morbidades e degeneração da raça para fins disciplinares e de controle social.

Para Jantara e Ferrazza (2020), esse pensamento possibilitou a equivalência do criminoso ao doente inimputável, ou seja, o que não pode responder pelos seus atos por lhe faltarem forças para domar seus ímpetus naturais. Dessa forma, a segurança pública passou a representar a aparelhagem do Estado para controlar a circulação de pessoas nos espaços públicos, nos redutos elitizados da cidade e nos postos de concentração de poder e tomada de decisão. O uso da Psicanálise, que já era destinado à avaliação e tratamento de debilidades sexuais e morais, passou também a respaldar medidas de segurança pública e a subsidiar ações educativas e disciplinares.

Mas, essas demandas do poder público se apoiaram no entendimento bastante difundido no meio psiquiátrico de que as psiconeuroses possuíam uma base moral e que, para tanto, era seu dever lançar mão de uma psicoterapia de base educativa. O psiquiatra Antônio Austregésilo (1876-1960), professor de clínica neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, representou bem essa posição. Foi ele quem conciliou tal entendimento médico à demanda e aos interesses do poder público, apesar de não se tratar de um entusiasta das teses freudianas. (Romanelli, 1986). Embora para ele a Psicanálise explicasse tudo por meio do sexual, o que considerou generalização e um exagero, foram muitos os adeptos dessa proposição médica.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

1.3 A estratégia pedagógica

A partir dela, foram substanciais os investimentos em intervir na vida privada da família como um lugar nobre onde se poderia realizar uma contribuição científica, portanto positiva, visando a um programa preventivo de educação sexual. Por isso, a essa compatibilidade entre as demandas e intenções do poder público e às nuances nas posições do meio médico se somam particularidades do âmbito pedagógico da época. Além da doença mental nos indivíduos, outro pensamento bem difundido no meio médico foi o de que a ignorância do povo brasileiro era um dos mais graves adoecimentos de ordem social e uma das causas do atraso. Por isso, a pedagogia passou a ser um campo de atuação estratégico.

Foi, assim, proposta uma forma de entender a educação dedicada à formação das bases da educação moral do brasileiro, destinada aos pais, professores e crianças. Tratava-se de um discurso moralizador e de disciplinarização que promovia um controle racional e civilizador da sexualidade. A estratégia consistia numa proposta intermediária entre o excesso de repressão da educação tradicional e a permissividade. Conforme Russo (1997, p. 14-15), esta espécie de “contra-moral laica” é menos hipócrita e tem a vantagem de favorecer o rigor em matéria de verdade científica. A psicanálise era prescrita em diversos âmbitos, tais como “na vida diária, pedagogia, até mesmo comércio, (...) inquéritos judiciais, sistemas penitenciários” (Porto-Carrero, 1929, p.159), visando à reforma e regeneração da raça e do povo brasileiro.

Nesse contexto, a profunda influência da sexualidade para a operação e formação da psique infantil tornaria urgente a convocação ao dever de realizar a educação sexual. A aposta na Psicanálise tinha na cientificidade o seu principal fio condutor, limitando as ideias para a formação do eu restringindo-se ao aspecto adaptativo na relação com a realidade externa. A clínica psicanalítica teria o papel de corrigir vícios e taras através de suas técnicas aplicadas em favor da parcela branca e elitizada, a qual os privilégios da educação foram pensados para alcançar. Tudo isto em prol do empreendimento evolutivo da nação mediante o pressuposto de que não se podia abrir mão do progresso da civilização. Para tanto, era de capital importância “sublimar ou condicionar derivativos úteis ou inúteis, isto é, educar, aperfeiçoando os instintos” (Ayrosa, 1934, p. 24). Entretanto, os educadores deixaram o lugar vazio nessa relação com a Psicanálise ao não corresponderem ao entusiasmo.

2. A ilegitimidade epistêmica da psicanálise

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Estas problematizações levaram a três direções: epistêmica, ética e política. Uma das principais razões pela qual a Psicanálise passou a ser vista como solução para os problemas para o projeto da nova república diz respeito a oferecer métodos e resultados mais expressivos do que os instrumentos psiquiátricos da época. Em outras palavras, por sua autoridade e legitimidade científica da qual já dispunha nas primeiras décadas do século XX. Isso também foi possível porque a noção de cientificidade dos idealizadores da República e dos psiquiatras higienistas da época eram compatíveis com a posição epistêmica à qual Freud se filiou.

Como sabemos, Freud se declarou cientista natural convicto desde o início de seus estudos até os últimos artigos publicados. Mas, isso soa estranho aos nossos ouvidos na atualidade em virtude de certas divergências importantes entre o seu pensamento e os requisitos das Ciências Naturais que estamos acostumados a caracterizar.

A declaração de filiação epistêmica freudiana esteve direcionada durante toda a sua obra num continuísmo radical e rigoroso, que faz face à tradição dualista herdeira das contribuições do filósofo neokantiano alemão Heinrich Rickert (1863-1936) e do filósofo hermeneuta, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) para as Ciências do Espírito e para as teses dualísticas. Como a disputa entre as correntes dualista e continuísta das Ciências Naturais terminou com o triunfo da primeira sobre a segunda, a omissão nos relatos históricos fez passar como se apenas existisse a corrente que conhecemos até a atualidade.

A posição freudiana derivou principalmente das ideias do biólogo, naturalista, filósofo e médico alemão Ernst Haeckel (1834-1919), para quem o continuísmo tem por consequência a recusa da separação de substâncias diferentes, pois a recusa da primeira torna a segunda obsoleta. Assim, não se pode mais traçar o limite absoluto entre o orgânico e o inorgânico, entre o reino animal e o vegetal ou entre mundo animal e o humano. Ele escreveu em seu *Monismo: Profissão de Fé de um Naturalista* (1892),

Insistimos na unidade fundamental da natureza orgânica e inorgânica: esta última começou relativamente tarde a evoluir da primeira [sic]. Não podemos mais traçar um limite exato entre os dois domínios principais da natureza, nem tampouco podemos estabelecer uma distinção absoluta entre o reino animal e o reino vegetal, ou entre o mundo animal e o mundo humano. Consequentemente, consideramos também toda a ciência humana como um único edifício de conhecimentos, e rejeitamos a distinção corrente entre a ciência da natureza e a ciência do espírito. A segunda constitui apenas uma parte da primeira ou, reciprocamente, ambas constituem apenas uma ciência (Haeckel, 2012, p. 11).

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Haeckel considerava que toda ciência humana compõe um único edifício com a Ciência da Natureza e, na qualidade de ciência, não podem se constituir de outra forma, exceto como Ciência Natural. A novidade epistêmica efetuada através do deslocamento para o pressuposto continuísta encontrou neste livro o seu manifesto na Alemanha durante os 25 anos finais do século XIX. É neste sentido que se pode dizer que Freud não apenas se filiou, mas também deu profissão de fé a tal corrente de pensamento. Ele mesmo tornou a tocar neste ponto de passagem para falar da visão de mundo da psicanálise em uma das Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1932) intitulada *Acerca de Uma Visão de Mundo*, na qual abordou a disparidade entre as *Weltanschauung* psicanalítica e científica.

Mas a visão de mundo científica já se distancia notavelmente da nossa definição. É verdade que ela também aceita o caráter *uno* da explicação do mundo, mas apenas como um programa cuja realização é adiada para o futuro. De resto caracteriza-se negativamente, pela limitação ao que é cognoscível no momento e pela nítida rejeição de determinados elementos que lhe são estranhos (Freud, 2010/1932, p. 322-323).

Ainda assim, vale a ressalva a respeito desse caráter *uno* no tocante ao que Freud precisou sobre a aproximação da teoria do filósofo e pensador pré-socrático grego Empédocles (495 a.C. - 430 a.C.) à teoria das pulsões. Em *Análise Terminável e Interminável*, Freud (1937) declarou ter encontrado similaridades de sua segunda teoria das pulsões em algumas ideias de um dos grandes pensadores da Antiguidade. Empédocles explicava a diferença entre as coisas do mundo a partir da combinação entre terra, água, fogo e ar. Mas, o interesse de Freud recaiu sobre a alternância entre o amor (*φιλία*) e a discórdia (*νεῖκος*), compreendidas como “forças naturais que agem instintivamente, e não inteligências com propósito consciente” (Capelle como citado em Freud, 2018/1937, p. 182) e como princípios animadores do universo e de cada ser vivo. Essa parte do pensamento do filósofo interessou a Freud na medida em que tais forças “são, pelo nome e pela função, o mesmo que nossos dois instintos primordiais” (p. 182), então dispostas como pulsão de vida e pulsão de morte.

Quando Freud (2010/1938) retomou esta referência a Empédocles no *Compêndio de Psicanálise*, deixou ainda mais precisa essa aproximação ao afirmar que as pulsões são “a causa última de toda atividade” (p. 113). Este entendimento confere margem para supormos que ele entendia a pulsão como princípio geral de caráter *uno*, mesmo que disposto no par oposto e de relação conflitiva. Ainda assim, esses momentos de suas teorizações foram o mais perto que chegou de se declarar monista. Em *Além do Princípio de Prazer*, ele já tinha dado o tom da posição adotada sempre que se encontrava diante dessa aproximação.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

A vagueza de todas essas nossas discussões, que chamamos de metapsicológicas, vem naturalmente do fato de nada sabermos sobre a natureza do processo excitatório que há nos elementos dos sistemas psíquicos e de não nos sentirmos autorizados a fazer qualquer suposição acerca disso. Então operamos sempre com um grande “x”, que transportamos para toda nova fórmula (Freud, 2010/1920, p. 142).

Assim, esses vestígios reafirmam que Freud se posicionava em favor da corrente de pensamento das Ciências Naturais denominada continuísmo e tinha as suas construções teóricas marcadas pelo dualismo.

Quando refletimos a partir do olhar de quem não viveu aquela época, podemos contar com certa sobriedade para observar que alguns dos desdobramentos dessa corrente de pensamento conduziram às associações ou à elaboração de interpretações e teorias amplamente questionadas atualmente. Referimo-nos às ideias sobre a transmutação das espécies de Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), a *Naturphilosophie* de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), aos conceitos evolutivos de Charles Darwin (1809-1882), que deram sustentação às concepções eugênicas e higienistas através do mundo, inclusive no Brasil, desde a passagem para o século XX, através de estratégias como as mencionadas anteriormente.

Considerações Finais

Como pudemos perceber, a acolhida da psicanálise ao Brasil envolveu uma série de aspectos complexos e multifacetados a partir dos quais somos convocados a dar um passo a mais em relação ao lugar comum de buscar uma causa ou um culpado. De fato, estamos diante de desdobramentos nefastos ao qual a psicanálise foi convocada e respondeu positivamente. Mas, também não se pode ignorar que isso somente foi possível através da compatibilidade de certos posicionamentos epistêmicos freudianos com os critérios de legitimidade científica que constituíam as concepções dos médicos e do poder público da época.

Ainda assim, apesar de nossos ouvidos estranharem notar o pensamento freudiano associado a tais propósitos, pode-se relacionar certos fatores convergindo para conferir razão de ser que produziram as condições sociais como questão para as quais somente a psicanálise seria capaz de responder na época. Estamos muito distantes de afirmar qualquer reducionismo ou alguma espécie de onipotência clínica e teórica da psicanálise, apenas assinalar ser esta a engrenagem fundamental que permitiu a referida manobra. Além da convergência, nota-se uma série de torções e amputações nas convenientes interpretações

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

das teorias freudianas naquilo que desfavorecia as estratégias higienistas e eugenistas, que preparavam o caminho para a realização do projeto de povo e de nação em vigor.

Isso significa que a posição epistêmica impressa por Freud na psicanálise, com algumas alterações, tornou-se um importante artifício em virtude do saber produzido através dela e o respeito da comunidade científica pela proposta teórica e pelos resultados terapêuticos coadunarem com a reprodução de poder pretendida.

Referências

- Ayrosa, C. (1934). O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanalyse. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*. ano VII, n. 1, pp. 17-26.
- Facchinetti, C. (2001). *Deglutindo Freud, histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Freud, S. (2010/1920). *Além do princípio do prazer*. In: Freud, S. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras. vol. 14, p. 120-178.
- Freud, S. (2010/1937). *Análise terminável e interminável*. In: Freud, S. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras. 2018. Vol. 19, p. 159-188.
- Freud, S. (2010/1932). *Novas conferências introdutórias à psicanálise – Acerca de uma visão de mundo*. In: Freud, S. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras. 2010, vol. 18, p. 321-354.
- Freud, S. (2010/1940[1938]). *Compêndio de psicanálise*. In: Freud, S. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 19, pp. 110-158.
- Heackel, E. (2012). *O Monismo: profissão de fé de um naturalista*. Livraria Chardon: Porto.
- Jantara, G. M. S.; Ferrazza, D. de A. (2020). Análise genealógica sobre a invenção da psicologia: um estudo dos discursos e práticas normativos e higienistas. *Mnemosine*, 16(1). DOI: <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2020.52697>.
- Mokrejs, E. (1989). Psicanálise e educação - Júlio Pires Porto Carrero e a pedagogia eugênica na década de trinta no Brasil. *Revista da Faculdade de Educação de São Paulo*, v. 15, n. 1, p. 5-14.
- Porto-Carrero. (1929). J. P. *Ensaio de psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores e Mano.
- Romanelli, O. (1986) O. *História da Educação no Brasil (1930-1975)*, Rio de Janeiro, Vozes.
- Roxo, H. (1934). “A esquizofrenia e os modernos tratamentos”, In: *Novidades em doenças mentais*, Rio de Janeiro, Atlântida, p. 10-39.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Russo, J. (1997). *“Dize-me com quem andas... (A doutrina pansexualista de Freud e a psiquiatria brasileira no início do século)”*, trabalho apresentado no XXI Encontro Anual da Anpocs, Caxambu (mimeo.).